**QUESTÕES:** Freire, P. (1996). Não há docência sem discência. In Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra. cap1

1 – “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo”.

 Hoje é muito comum o conhecimento teórico ser considerado menos importante que a prática o que não é verdade. Dentro da minha experiência profissional quando isso acontece, a prática se torna um “ativismo de grande risco”.

2 – “. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”.

**“**um corpo indeciso e acomodado” me fez lembrar meu professor de anatomia que dizia que ao entrar na faculdade erámos somente “ um amontoado de células inúteis”. Aprendi muito com esse professor que já partiu desta vida. Por 4 anos fui monitora de anatomia, aprendi muito com ele, sou eternamente grata. A docência e a discência são vias de mãos dupla.

3 –” O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”

O que ele quis dizer com “sua insubmissão”? Penso que seria o questionamento do aluno de querer ir mais além do ponto que o professor está trazendo de conhecimento.

4- “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo”.

Ensinar a pensar e de forma correta deveria ser uma das principais ou a principal função do educador, o que principalmente no período de formação na infância, não ocorre.

5 – “Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente”.

Não entendi “promoção” da ingenuidade”. Adquirir conhecimento não é sair da ingenuidade, pois se terá capacidade para pensar?

6 – “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?”

Concordo com essa frase se a discussão também apresentar o lado bom da vida que sempre existe, mesmo sendo menor. Ensinar a pensar também inclui ensinar a observar a vida.

7 – “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

A infância é uma fase da vida de intensa curiosidade e busca de resposta e por isso deveria ser uma fase de pleno investimento na educação.

8 – “Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser”.

O aprendizado deve ser constante e dinâmico e aqui novamente me leva a pensar na infância e o desenvolvimento do ser em sua totalidade.

9 – “Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”.

O exemplo é fundamental. Não há justificativa para se ensinar algo e na vida se colocar exatamente de forma contrária.

10 – “É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo”.

A pós modernidade costuma considerar os ensinamentos mais antigos como velhos, desatualizados e sem valor, esquecendo de que o conhecimento mais antigo forneceu a base para que o novo pudesse aparecer. Acredito que na verdade sempre aprimoramos e enriquecemos o que na verdade já existia e isso faz um pensamento ou ensinamento mais antigo se manter presente.

**QUESTÕES:**  Rogoff, B. (2003). Development as Transformation of Participation in Cultural Activities. In The cultural nature of human development. Oxford University Press. cap 2

1-““Being willing to accept a premise that one cannot verify, and reasoning from there, is characteristic of schooling and literacy.”

Não entendi. O processo de aprendizado não se baseia em ensinar a forma de pensar e questionar sobre o que lhe foi aprensentado? Se não pode ser verificado e analisado, como pensar em raciocinar?

2 – “Vygotsky argued that children learn to use the tools for thinking provided by culture through their interactions with more skilled partners in the zone of proximal development.”

Nas bases da teoria de aprendizado de Vygotsky ele considera que o processo de aprendizado não depende só dos educadores , mas que também a convivência e a troca entre os alunos compartilhando suas culturas e costumes diferentes são de extrema importância para a formação da criança.

3 – “Cultural processes are not the same as membership in national or ethnic groups, and that individuals are often participants in more than one community’s cultural practices, traditions, and institutions.”

Acredito que essa participação em mais de uma comunidade , tendo contato com culturas diferentes só é possível pensando numa vida em cidade maiores nas quais se troan fácil o encontro com indivíduos de diferentes culturas e etnias. Como pensar em comunidades menores, afastadas dos grandes centros e altamente tradicionais e fechadas para outras culturas e costumes? No Brasil, mesmo com a toda modernidade e tecnologia, ainda são encontradas cidades menores assim e nesses casos como pensar e comparar esse aprendizado?

4 “about the relation of individuals and communities. Tom Weisner, Ron Gallimore, and Cathie Jordan (1988) emphasized important features of children’s daily routines for understanding cultural influences:

The personnel who are available and interacting with children

The motivations of the people involved

Cultural “scripts” used by people to guide the way they do things

The type and frequency of tasks and activities in daily routines

The cultural goals and beliefs of the people involved”

Aqui ele descreve um modelo que cabe em qualquer sociedade. A rotina de vida transitida as crianças pelos mais velhos independe de escolaridade, pois reflete somente a sabedoria da vida e de viver naquela sociedade em que a criança cresce.